

O VÍRUS DA POLÍTICA: UMA “GRIPEZINHA” DE CEM ANOS

José Maurício Miranda Bahri

Doutorando em Literatura Brasileira, UERJ

Pesquisador do LABELLE

No dia 22 de outubro de 1918, foram registrados 930 óbitos decorrentes da epidemia que então assolava a cidade do Rio de Janeiro. Não havia leitos suficientes nos hospitais para a enorme quantidade de infectados, nem serviço funerário que desse conta de tantos cadáveres. Os corpos se avolumavam nas ruas e, por vezes, eram recolhidos por coveiros, policiais ou lixeiros. As famílias que não tinham a devida assistência, dispunham bandeiras pretas na fachada de suas casas para assinalar que ali havia doentes. A *espanhola*, como ficou conhecida, revelou a precariedade do serviço público de saúde, pois faltavam hospitais, médicos e remédios que, por sua escassez, eram superfaturados. Até setembro daquele ano, porém, nem o governo, nem a imprensa deram a devida importância à doença que diziam ser oriunda da Espanha. Somente quando membros da missão médica brasileira adoeceram à bordo do navio *La Plata*, a caminho do Dakar, a atenção dos jornais foi desperta para o misterioso mal. No início, acreditava-se que não passava de um simples resfriado corriqueiro que atacava especialmente os mais idosos – daí a alcunha de “limpa velhos” –, ou que talvez fosse uma entidade patológica como tifo, cólera ou impaludismo. Mas a realidade era que a *espanhola* ceifava as vidas de indivíduos entre vinte e quarenta anos em sua maioria. A velocidade de contágio era rápida e o período de encubação, muito curto. A variedade dos sintomas levou a comunidade médica a divergir sobre a forma adequada de tratamento: iam de surdez, hipertermia e cefaleias à hemorragias, urinas e vômitos sanguíneos, diarreias, infecção nos pulmões, meninges e intestinos, letargia, coma e finalmente, à morte.

Pouco mais de cem anos depois, a história parece repetir-se. Se antes achavam que a gripe surgira na Espanha e que era uma criação bacteriológica da Alemanha (*A Careta*, n.537), hoje, atribui-se à China – ou aos Estados Unidos – a manipulação do vírus em laboratório com fins beligerantes. A ação do presidente Wenceslau Braz tardou porque o governo não deu crédito aos efeitos devastadores da doença. Tal como agora, o que deveria ser um combate circunscrito ao campo médico, tornou-se uma batalha política entre a imprensa e o governo, o qual sofria duras críticas por não agir no tempo devido e ter demonstrado não possuir recursos suficientes para conter a epidemia. Em

meio a tudo isso estava a população que, desde a vacinação obrigatória contra a varíola, temia as medidas sanitárias impostas no intuito de sanar o problema. Os discursos conflitavam e as receitas caseiras proliferaram: alguns médicos diziam que o corpo se curaria sozinho; outros, que o contágio se dava pelos miasmas. O repertório atual não deixou de lado as especulações e as medidas milagrosas contra o coronavírus, que se espalham pelas mídias sociais. Quando os presidentes, de lá e de cá, demonstram completo despreparo para gerir uma crise sanitária de tamanha proporção, boa parte do povo reage contra a quarentena e acusa os meios de comunicação de manipulação das informações. Se caía ou não Carlos Seidl, diretor de saúde pública em 1918; se cai ou não cai Mandetta, ministro da saúde em 2020, o fato é que o número de mortes tem crescido a cada dia. Estima-se que a “gripezinha” tenha deixado um saldo de 17 a 50 milhões de mortos pelo mundo em 1918. O “resfriadinho” de 2020 já atingiu 110 mil mortes notificadas. Em todas as épocas, o calcanhar de Aquiles é a falta de investimentos na educação e na saúde, no saneamento básico, na medicina preventiva, nos hospitais e nas pesquisas científicas; também são a desinformação e os interesses privados que sempre prevalecem sobre o bem-estar da população.

Fonte: GOULART, A da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 1, 101-142, jan. – abr. 2005.